



## A Escola Socrática e Sofista, séc. V – III a.C.

Decorrente de inúmeras grandes transformações na civilização grega, a filosofia irá por se tornar mais humana, voltada as relações sociais, pautada, principalmente, na compreensão do relacionamento entre os indivíduos na Polis. É, sobretudo, esse contexto que nos remete a um período da filosofia designado de Antropológico. A Escola Socrática, no entanto, representa essa grande mudança na forma de conduzir e relacionar esse tipo de pensamento.

Numa sociedade marcadamente aristocrática, a filosofia surge como um alento para uma sociedade que passa por inúmeras transformações. A Polis passaria por diferentes formas de governo até alcançar o ideal democrático. Surgiria enquanto Monarquia, permitira o surgimento de uma camada Aristocrática que duraria até o surgimento de uma nova classe social: os comerciantes, que defenderia maior participação política e fim de privilégios baseados no nascimento.

É nesse contexto de perturbadas mudanças de caráter político, econômico, social que as grandes correntes de pensamento iriam, ao mesmo tempo, se distanciar e propor diferentes formas de relações sociais. A grande escola desse período, desenvolvida de maneira paralela a Sócrates e seus discípulos seria a Escola Sofista.

Preocupados muito mais com a moral e a política, esse momento em especial da cidade de Atenas iria nos permitir, portanto, entender aspectos sobre diferentes pontos de vista. E nesse sentido, vale destacar que a visão que constitui a Escola dos Sofistas se deve pelo ponto de vista da Filosofia, aquela dos filósofos preocupados “verdadeiramente” com o conhecimento.

Os sofistas se colocavam como interlocutores dos discursos de Sócrates e serão criticados por isso, deixando uma visão bastante negativa atribuída a esses pensadores. Os sofistas carregavam uma visão diferente de sociedade, sobretudo, do conceito de cidadania do homem da Polis. Eram considerados educadores dos poetas, da elite, homens que recebiam para difundir ou vender o conhecimento. Eram grandes profissionais liberais do conhecimento, especializados no estudo da retórica, da lógica, da persuasão, isso em uma sociedade que valorizava o melhor discurso em praça pública, a Ágora. Por esse motivo, a escola dos Sofistas foi acusada pelos Filósofos de agirem sem compromisso com a verdade, de distorcer a realidade, de defender um conhecimento de cunho Relativista, que utilizava de Sofistas, ou seja, argumentos lógicos de má fé com intuito de enganar.

Na etimologia, a palavra sofista descende de *sábio*, *sophos*, aquele “professor da sabedoria”. Somente, dado os devidos créditos ao pensamento filosófico, que os sofistas imortalizaram o sentido pejorativo a essa principal escola localizada em Atenas. Desde o tempo dos Pré-Socráticos com Heráclito e Parmênides, a filosofia



buscara como objetivo principal superar a condição de explicação da natureza para se voltar para o conhecimento de ordem política, social ou até moral, marca deixada pelo pensamento Socrático ou Antropológico. Dentro desse pressuposto é que se buscou superar e constituir as duas principais correntes da Filosofia Antiga (que aja vista para alguns é o que ainda busca se compreender em toda a História da Filosofia): a corrente dos Relativistas, defendida pelos Sofistas, e a dos Absolutos, defendida pelos Filósofos.

Tendo como objetivo compreender a essência das coisas, essas duas correntes se distanciaram. Mas o que seria a *Essência* das coisas? Segundo a filosofia, a essência das coisas era alcançar uma compreensão das coisas e objetos superando a sua aparência. Afirmara-se assim, que a essência é *tudo aquilo que as coisas realmente são, e não o que elas aparentam ser*. A um sentido implícito nessa afirmação: que as coisas podem se demonstrar diferentes daquilo que as julgamos ser ou parecer; e que possamos encontrar aquilo que as coisas realmente são, num sentido único, absoluto, imutável, como afirmara Parmênides sobre o conhecimento: que só era possível conhecer o Ser, e sendo impossível pensar o Não-ser. Nesse sentido, ficaria impossível pensarmos algo que ainda não existe: como um círculo quadrado, por exemplo. Perceba que a nossa linguagem não explícita a complexidade do mundo, mas que segundo a Filosofia poderia ao menos conhecer a essência por trás das aparências.

Sendo apenas o Ser pensável, seria este incriado e incorruptível. Não-criado, pois se fosse criado por algo deveria vir do não-ser, portanto impossível; e incorruptível pois não pode transforma-se em algo que não existe, o seu não-ser. Captou a complexidade? É ela quem define a capacidade da Filosofia em tornar-se tão afinada em elencar seus principais pressupostos absolutos para as relações morais e políticas, portanto, voltadas a complexidade do indivíduo em sociedade.

É essa dicotomia que permeia a verdadeira relação da vida de Sócrates e as consequências que recairão sobre seu discípulo Platão e os rumos da história da filosofia grega. Isso inclui, sobretudo, o que nos restou do pensamento do mestre de Platão, ao qual só nos cabe entendê-lo pela visão platônica. Sócrates nada escreveu e alguns inclusive duvidam da sua própria existência, talvez um personagem que serviu aos interesses do aluno e de seus diálogos. No entanto o que nos interessa é o seu legado e mesmo tendo sido considerado Sócrates um sofista, esse título foi recusado e se opôs a ele de forma contundente.

A ideia do pensamento socrático era baseada na sua máxima: "*só sei que nada sei*". Isso demonstra a capacidade de um pensador incômodo, ávido pela necessidade do conflito, do debate, da discussão que rebaixava seus interlocutores a um nível de ignorância para construir dali um ponto de partida para o conhecimento seguro das



coisas, a essência dos objetos. Conversava como todos na cidade fossem velhos, moços, nobres, escravos, comerciantes, gente da elite. Apenas não buscava um trabalho, o que lhe rendeu críticas por parte de sua esposa, Xantipa, que o condenava por não sustentar a casa e os filhos. Esse era Sócrates, dono de um fascínio conhecimento, mas considerado extremamente rude, ofensivo e arrogante.

Como objetivo filosófico criou um método para reduzir seus interlocutores à noção de ignorância, o método Socrático. Por meio desse caminho ao conhecimento, a jornada começaria por duas fases: a *ironia* e a *maiêutica*. Na primeira fase, a destrutiva, constituiria um conhecimento negativo, que por meio de perguntas teriam a função de incomodar, transtornar o indivíduo. Somente a partir disso, o conhecimento poderia ser encaminhado com mais segurança para sua essência. Em homenagem a sua mãe que era parteira, a maiêutica iria significar literalmente parir. Esse parir através da razão que pudesse encaminhar o conhecimento mais seguro, daí a valorização da razão e o afastamento dos sentidos para as coisas mais importantes.

Esse processo do conhecer seria primordial no sentido de privilegiar a procura pela definição de conceitos. Esses conceitos estariam relacionados a uma tentativa por uma busca única de definições acerca da realidade, um conhecimento que pudesse alcançar a verdade sem desvios, sem perigo de recairmos no ceticismo e na multiplicidade das formas, como defendiam os Sofistas. Por esse motivo, era possível alcançar um conhecimento seguro?

Segundo Sócrates sim, suas indagações referentes à moral poderiam elucidar perguntas sobre a coragem, a covardia, a justiça, a liberdade; a ações que conduzissem a validade ou invalidade de comportamentos do indivíduo.

O pensamento da Escola dos Sofistas distanciava-se desse modelo. Pensadores importantes como Protágoras e Górgias afirmavam ser possíveis problematizações sobre discursos anti-lógicos. Exemplo disso é a capacidade dos sofistas argumentarem que justo e injusto poderiam parecer a mesma coisa, dependendo do ponto de vista e própria condição da situação. Isso implicava uma mudança extremamente importante para colocar o conhecimento seguro em xeque. Então não existiram essências das coisas?

Para o pensamento Sofista, o alcance do conhecimento mais prático, ou seja, não se buscava convencionar leis estabelecidas de maneira natural, que explicassem a realidade de forma única, mas buscavam convencionar as leis estudadas pelos homens e instituídas através do mundo social. Nesse sentido, era mais importante recorrer a experiências através da boa argumentação que se referiam a uma multiplicidade de valores. Dessa forma, o relativismo era favorecido por não afirmar



a existência de verdades absolutas, mas considerando as situações, as circunstâncias para decidir o que era mais válido ou não para cada situação.

É possível assim compreendermos que o pensamento entendido por esse grupo de profissionais do conhecimento esteja mais voltado a uma ordem mais opinativa, mesmo que pudessem entrar em contradição. Dois aspectos são importantes nesse momento: considerar como Protágoras que o *"homem é a medida de todas as coisas, das que são enquanto são e das que não são enquanto não são"*. Através dessa afirmação o pensador sofista buscava justificar que as leis ou ações deveriam ser tomadas tendo como referência uma situação em especial ou determinada circunstância. Foram duramente criticados pela tradição filosófica por afirmações como essa. No entanto, o segundo aspecto a se levar em consideração era a argumentação de princípios contrários. Os sofistas são o grupo de pensadores lembrados por defender a *Antilogia*. Ela designa um método de argumentação que defende ser possível argumentar raciocínios contrários sobre um mesmo objeto. Nos discursos Protágoras buscava explicar que justo e injusto podem parecer à mesma coisa. Ele busca provar que seria justo usar de mentiras e enganar, caso as circunstâncias assim o permitissem e dependendo de suas finalidades. Esse é um dos grandes argumentos que usaremos para defender que justo e injusto são a mesma coisa no campo do relativismo moral e ética, tema de outras temáticas de estudo que realizaremos.

